



Jornal Germina

Tambores do Vento que Vem

Em processo de construção de um novo coletivo estudantil, classista e socialista!

Contatos:

Curitiba/PR:

Mariana Tabuchi (mariana.tabuchi@gmail.com - 41 9660-9927)

Henrique Kramer (kramer.henrique@gmail.com - 41 9187-0051)

Pelotas/RS:

Allan Gois (allan.r.gois@gmail.com - 53 8142.6297)

Daniela Lumertz da Luz (danilumertz.luz@gmail.com - 53 81022160)

São Paulo/SP:

Giovana de Mitri (gii.mitri@gmail.com)

Florianópolis/SC:

Vitor Breda (vitor.breda@gmail.com - 48 9938.4396)

Niterói/RJ:

Juan Ibañez (juan.iba@bol.com.br - 21 81454702)

Lilian Matias (lil.smatias@gmail.com - 21 8200.6857)

Aracaju/SE:

Alice Dandara (alicedandara.correia@gmail.com - 79 91127839)

Caio César Rezende (ccrtbdm@gmail.com - 79 9636 9808)

Campo Grande/MS:

Wagner Akves (wagner-dino@hotmail.com)

Toledo/PR:

Luciano Renatto (lucianometallica@hotmail.com - 45 9945.4779)

Lorenzo Balen (lorenzogbalen@gmail.com - 45 9811.7395)



Jornal Germina

Tambores do Vento que Vem

Em processo de construção de um novo coletivo estudantil,
classista e socialista!

"O barro toma a forma
que você quiser
você nem sabe
estar fazendo apenas
o que o barro quer"
(p. leminski)

Roubaram nossa classe, nossa organização, nossa história; levaram nossa gente, nossos sonhos, nosso nome; fizeram neblina do nosso céu, rachaduras em nosso chão, histeria de nossa voz: dez anos de Partido dos Trabalhadores no governo federal e as migalhas brigam entre si: **o balanço do período é de um tempo filho da cooptação, burocratização e institucionalização das lutas**; um tempo em que as organizações coletivas cada vez dão respostas mais insuficientes e até mesmo farsantes à conjuntura posta.

Chegamos ao fim do século XX com os 20% mais ricos do planeta possuindo 82% da riqueza mundial; os 20% mais pobres, em contraposição, possuem apenas 1%. Os 447 maiores bilionários detêm a mesma riqueza que quase a metade do planeta, três bilhões de pessoas; 200 multinacionais detêm 28% do valor do mundo, mas empregam apenas 1% da força de trabalho. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, há um bilhão de desempregados ou subempregados no mundo, o que corresponde a 30% da força de trabalho mundial. Parece natural, mas não é.

O capitalismo atingiu sua capacidade civilizatória e hoje produz alimento suficiente para sobrevivência de 11 bilhões de pessoas. Ainda assim, dados da FAO/ONU indicam 852 milhões de pessoas que sofrem de fome crônica. A lógica material da nossa sociedade é a do capital: de produção e reprodução de exploração e opressões, sem receio de fazer da guerra, da fome, da destruição da natureza, da falta de moradia, terra, saúde e educação não apenas uma realidade, mas uma necessidade que se repete e se aprofunda. **Parece impossível de mudar, mas também não é.**

A violência, a exploração, o individualismo e a desconfiança com organizações coletivas foram construídas no nosso passado recente. Nossa falta de memória em relação às lutas sociais e suas estratégias em nosso país e no mundo não é ocasional nem responsável: o estado de exceção que se instaura com a Copa do Mundo, as remoções forçadas, o desvio do público pro privado, os cortes em gastos sociais, como saúde e educação, bem como as propostas de flexibilização e mesmo retirada dos direitos trabalhistas, como no caso da greve e do Acordo Coletivo Especial, demonstram que nossa fragilidade não é mais apenas inércia, mas derrota histórica da classe trabalhadora e de todxs excluídxs!

Uma resposta possível a esse panorama é "mediar" com a despolitização dos estudantes e da juventude, rebaixar a crítica

ao que seja "bonitinho", "engraçado", "atrativo", "leve" e quase pós-moderno-sedutor-apaixonante, evitando criticar em profundidade a realidade material que nos cerca, nomear nossos adversários e inimigos e realizar a autocrítica dos vícios históricos da esquerda.

Uma outra resposta possível é isolar-se de todos os movimentos e dos estudantes, autoproclamar-se como o que há de mais avançado, "puro", sem contradições, como que fora do seu próprio tempo histórico, aguardando fechado, em pequenos grupos isolados, pelo momento revolucionário, quando então "a direção virá e comandará as massas".

Rejeitamos ambas respostas e qualquer tipo de idealismo sobre nossa capacidade atual de sermos suficientes à conjuntura. Não é nossa vontade, mas a realidade material, de acirramento das contradições objetivas, que nos clama por um balanço da nossa situação organizativa e por uma retomada crítica do colocar-se em processo de construção de alternativas!

É tempo de se des-fazer do passado, terminar, romper, re-começar! Nós, militantes em maioria oriundos do Coletivo Nacional Barricadas Abrem Caminhos, não negamos nossa história, mas propomos sua superação. Que leve em consideração as experiências recentes do Fórum Nacional de Lutas Contra a Reforma Universitária, das dezenas de ocupações de reitoria, do Seminário de Uberlândia, do Comando Nacional de Greve Estudantil, das greves da educação, dos Fóruns Nacionais de Executivas e Federações de Curso, dos encontros de área, das pautas da formação profissional, da ligação entre universidade e mundo do trabalho, do combate às opressões, entre outras, para re-colocarmos os problemas que nos fazem estar em movimento!

As organizações coletivas do último período forjaram-se como barros, moldáveis à existência individual e aos anseios daqueles que as protagonizaram. Com cuidado, dedicação e tantas outras boas intenções, centenas de estudantes depositaram energias em melhor moldar os coletivos de que participaram. Mas infelizmente, obra dada por terminada, muitxs se esqueceram que a organização não é um fim em si mesmo, mas um instrumento para a transformação que esperamos no mundo.

Este Jornal não é um coletivo. Estes textos não devem ser lidos como análises acabadas. As páginas que seguem são um convite para uma nova construção, que se propõe democrática, dialética e sobretudo comprometida com a classe trabalhadora e com a superação da realidade que nos cerca. Propomos perguntas e problematizações. Buscar respondê-las, ou fingir que não existem, é uma escolha - aparentemente - individual.

BOA LEITURA!

A NECESSIDADE DO NOVO NO E CONTRA O TEMPO DO VELHO: entender nosso chão, germinar nossos sonhos!



As novas eras não começam de uma vez:
meu avô vivia no novo tempo,
meu neto viverá talvez ainda no velho.
A nova carne é comida com os velhos garfos.
(Bertolt Brecht)

No último período vimos revoluções abalarem o mundo, com a juventude e os trabalhadores na primavera árabe indo às ruas derrubando ditaduras, as sucessivas greves gerais na Grécia e Portugal, além da Espanha, onde o governo conservador e suas políticas de austeridade, que atiraram milhões de espanhóis à pobreza, se encontram por um fio. Mas tal onda que varreu os países europeus e árabes não são meras coincidências ou vêm de um acaso: são fruto de uma das maiores crises do capitalismo, que cada vez mais demonstra ser de longo prazo, e coloca a urgência de uma alternativa socialista.

Em resposta, o que vemos de comum a todos os governos é a disposição de, às custas de milhões de trabalhadores, salvar os bancos que criaram essa crise. E o fazem através das políticas de arrocho salarial, retirada de direitos trabalhistas e desemprego. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, nos países que fazem parte da União Européia, cerca de um milhão de pessoas perderam seus empregos nos últimos seis meses. Na Espanha, por exemplo, uma parcela de aproximadamente 25% da população economicamente ativa está desempregada, chegando a 55% no caso da juventude.

Não muito diferente, no Brasil, com o aprofundamento da crise e um cenário internacional adverso, o governo Dilma (PT/PMDB) também já está jogando essa conta em cima dos trabalhadores, enquanto favorece o capital financeiro e os grandes empresários. Os cortes de verbas no orçamento, que afetam principalmente as áreas sociais (como saúde e educação), estão intrinsecamente ligados ao momento de crise que vivemos, enquanto o gasto com a dívida pública, que vai para banqueiros e empresários, representa 45,05% do orçamento da União.

Para aumentar os lucros dos bancos e grandes empresas, a política do governo é de arrocho e corte de direitos para os trabalhadores e o aumento da repressão aos movimentos. Algumas medidas que avançam na flexibilização e retirada de direitos são: o PLP 549/09, que limita os gastos com a folha de pagamento dos servidores públicos, congelando os salários por 10 anos; o PLP 92/07, que permite a transferência dos serviços públicos da saúde e educação para fundações estatais de direito privado (ou seja, a saúde e a educação sendo privatizadas); a instituição da previdência complementar, criando os Fundos de Pensão da previdência privada no setor público; a lei anti-greve que "regulamenta" o direito de greve do serviço público, ferindo a autonomia das categorias; e o Acordo Coletivo Especial, em que se passa a permitir acordos inferiores aos direitos da CLT, flexibilizando os direitos trabalhistas, proposto ao governo pelo próprio Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, com o aval da CUT.

Além dessas medidas, observamos também, nos dez anos de governo PT, um aumento drástico de privatizações, muitas vezes disfarçadas sobre empresas públicas de direitos privados. A tríade Agronegócio, Empreiteiras e Setor Financeiro foram os setores da burguesia que mais lucraram ao longo desses anos. Mas, para que a farsa do Estado Social se mantenha é preciso também apassivar a classe trabalhadora e, habilmente, a base de sustentação do governo acontece por meio de políticas assistencialistas, com o "bolsa família", enquanto a CUT e a UNE se tornam braços do governo nos movimentos sociais.

Constroem-se, então, mecanismos de consenso para que se chegue em torno de uma política que privilegia somente a classe dominante. Nos parece, portanto, que o Partido (supostamente) dos trabalhadores hoje se encontra ao lado dos patrões. E para não bastar: apassivando, conformando, cooptando e fragmentando àqueles que vivem do trabalho. É preciso, então, reorganizar!



Manifesto

O mundo espera por suas exigências.
Precisa de seu descontentamento, suas sugestões.
O mundo olha pra vocês com um resto de esperança.
É tempo de não mais se contentarem
com essas gotas no oceano
(B. Brecht)

Cá estamos: despossuídos de nós mesmos e ensinados a contemplar o roubo da nossa história. Vivemos a década de um Partido dos Trabalhadores engessado na burocracia do Estado, acumulando cooptações e reprimindo manifestações. Décadas de um individualismo estruturante, de um descaço à dimensão coletiva da nossa existência, do isolamento silencioso de resistências. Resumidos a histórias mal-contadas e ao espetáculo do supérfluo, ditam-nos caminhos de mercados truculentos e subjetividades inautênticas. Cá estamos: dispersos, espoliados. Talvez ainda perdidos e obedientemente envelhecidos em nossa juventude. Entretanto, cabe afirmarmos: jamais resignados! **A história não se findou na alucinação das reformas irreformáveis.**

Enquanto o mundo se globaliza na desigualdade e na desilusão, milhões de trabalhadores e jovens se insurgem contra a desenfreada exploração e destruição impostas sistematicamente. No Brasil encontramos, como nas demais partes do mundo, a juventude que não se rendeu à cartilha individualista das mínimas possibilidades de escolhas. Nos pautamos na construção coletiva dos nossos amanhãs por mais que nos queiram adoradores de confortáveis ontens. **A quem se indigna com a perversidade dizemos: é necessário se organizar! Por mais que a desordem seja a palavra da ordem, a organização coletiva é a única possibilidade de superação do destruidor Ego capitalista.**

Por sete anos militamos em Barricadas. Pudemos contribuir conjuntamente a diversos coletivos e agrupamentos na experiência (infinda) da reorganização do movimento estudantil. Tivemos muitos erros, mas essa experiência nos provou a insuficiência da auto-construção, da auto-proclamação, da burocratização, bem como os problemas da ausência de autonomia, da ausência de estudo, da ausência de prática, da ausência de democracia, da ausência de um movimento estudantil classista. Consideramos a proposta do Barricadas superada e procuramos, a partir deste jornal-manifesto, não cair em outro erro: o das respostas prontas. **As respostas ansiadas nos textos deste material apenas existirão se formos capazes de coletivamente, dialeticamente e junto ao movimento construí-las.**

É certo, portanto, que não nos identificamos com qualquer uma das respostas hoje existente no movimento estudantil, que se ausentam de auto-crítica e de pensar nas próprias perguntas a que visam responder. Por outro lado, não possuímos qualquer arrogância de um programa acabado, muito menos a irresponsabilidade da negação de nossa história. Desse modo, **nesse cenário adverso e desiludido, visualizamos a necessidade de um coletivo de movimento estudantil classista com debates nacionais e interferência real na sociedade, que tenha democracia e flexibilidade interna, assim como autonomia e o objetivo maior que a sua própria construção.**

Eis nossa primeira contribuição - incompleta, inacabada, ainda preliminar - à construção de um processo de debates que nos ajude a superar as indagações que hoje nos afligem. Mas essa superação não será um "fim", temos certeza: antes em outro sentido, **mesmo depois do processo manteremos uma dinâmica de constante debate envolvendo nossas formulações, garantindo assim que estejamos sempre abertos à autocrítica e comprometidos com o movimento e com a reorganização da esquerda, ao invés de engessados em uma práxis mecanicista ou automática.**

O momento, contudo, ainda é o delicado e promissor tempo de formular as primeiras respostas. Trata-se de entender que elas não virão apenas por estudos e debates internos nem, menos ainda, apenas pela participação espontaneístas nos espaços do movimento. É somente na conjugação de ambos - estudos e militância concreta -, unidos a um franco debate interno, que conseguiremos ter respostas responsáveis historicamente, materialmente ligadas ao movimento de lutas do movimento estudantil e democraticamente formulada por todos aqueles que se engajarem nesse processo.

Somaremos elementos às nossas caracterizações a partir da nossa própria participação no movimento - trabalho de base nas universidades, centros acadêmicos, diretórios centrais, CONUNE, CONANEL, FENEX, encontros de área etc. -, ao mesmo tempo em que elaboraremos um calendário de debates e formação internos, visando a garantir uma análise aprofundada e coerente da situação que nos cerca e condiciona historicamente.

É para esse processo de formulação, de debates, de participação no movimento e sobretudo de protagonismo interno, com voz e vez, que convidamos a todas e a todos! É tempo de somar angústias, descontentamentos e perplexidades frente à realidade que nos cerca e à nossa dificuldade de organização. Mas, mais do que isso, é tempo sobretudo de colocar-se à frente do processo de construção do novo! **Organize-se! Lute! Participe desta construção com a gente!**

"Eles todos sonhos sonharam sonharam
Todos os sonhos sonharão(...)
(...)Para seu filho aprender
Do repente soltar
Uma nova canção
Que fale do novo
No velho planeta."

(Geraldo azevedo)

certo” ou “quem convence mais gente”, e não a responsabilidade da tarefa política da esquerda do movimento estudantil para a reorganização da esquerda em um nível mais geral.

Esse nível mais geral, de totalidade, não ocorrerá se desvincularmos estudantes de trabalhadores. Disso decorre a necessidade de nos apropriarmos da reorganização da classe trabalhadora a nível mundial, afetada diretamente pela reestruturação produtiva e pela grande ofensiva ideológica do capital após o fim da experiência estalinista de socialismo. Por mais que o movimento estudantil seja um movimento social que lute por pautas específicas (localizadas essencialmente na Educação), a militância desse setor de juventude não pode estar dissociada da luta das/os trabalhadoras. Desse modo, é imprescindível superarmos de forma unitária as mazelas dos governos petistas e os grandes retrocessos que eles provocaram na consciência de classe.

É necessário retomarmos as incipientes tentativas de unificação do movimento estudantil combativo, como a Frente de Luta contra a Reforma Universitária (FLCRU) de 2007, em que combatemos o REUNI; o Seminário de Uberlândia de 2010, em que a esquerda debateu de forma unificada (Oposição de Esquerda da UNE e ANEL) a nossa Educação; os diversos Fóruns Nacionais de Executivas e Federações de Curso (FENEX) ocorridos nos últimos anos, os quais procuraram reunificar o diálogo das executivas e federações de curso após o rompimento destas com a UNE nos anos 1990; ou ainda o Comando Nacional de Greve Estudantil (CNGE) de 2012, em que tivemos uma nova oportunidade de atuação coletiva frente às consequências do REUNI, na histórica greve nacional dos servidores públicos.

Por óbvio não nos ausentamos do balanço desses espaços, em especial do CNGE, em que pese a disputa fratricida dos setores do movimento estudantil que o protagonizaram, mais preocupados em estar à frente do processo, na direção nacional, do que efetivamente em construí-lo na base, nas universidades. Essas experiências importantes, não temos dúvida, não se realizariam sem a unificação (ainda que temporária e sem pretensão real de se tornar continuamente articulada) da esquerda.

Ao movimento estudantil, entendemos que é necessária a ousadia de não se findar em si mesmo. Para isso é fundamental se situar ao lado da classe trabalhadora e unificar as lutas pela Educação, a qual

afetará o destino das próximas gerações. Essencial, do mesmo modo, é o resgate histórico das lutas da juventude e do movimento estudantil: estivemos na Sorbonne ocupada de Maio de 68; nas lutas por democracia de toda a América Latina nas últimas quatro décadas; em diversas guerrilhas, Guardas Vermelhas, exércitos de libertação; aos milhões nos últimos anos nas maiores avenidas de Santiago, Québec, Lisboa, Madrid, Atenas etc. O movimento mantém a esperança de um mundo que não seja regido pela mecanicidade ou pelas leis da oferta e da procura.

Visualizamos as dificuldades do m.e. brasileiro e temos convicção da nossa parcela de responsabilidade pela situação atual. Mas não nos dispomos a “apenas seguir nesse rumo”, fazendo parecer que o grande problema nacional do movimento estudantil seja escolher entre estar na UNE ou na ANEL. Nossos desafios são muito maiores do que “escolher” e “defender nossa escolha”! Estarmos “certos” ou “errados” não modifica a conjuntura de fragmentação, desarticulação e descontinuidade da esquerda no movimento estudantil! Unidade não se faz por chamado e apenas no discurso!

Seja pela necessidade de formular sobre trabalho de base e formação profissional, seja pela responsabilidade política concreta de unidade da esquerda, entendemos essencial avaliar ambos os espaços nacionais de 2013 (CONUNE e CONANEL), sem perder de vista a centralidade da construção do FENEX, em junho, em Curitiba. Mais do que isso, contudo, desde já queremos convidar para um novo espaço amplo, que tem possibilidade de reaglutinar a esquerda do movimento estudantil (OE e ANEL) em um espaço de debate e formulação: trata-se do Encontro Nacional de Educação proposto pelo ANDES, pela CSP-Conlutas e pelo SINASEFE, para o qual desde já nos colocamos na construção e apostamos como um espaço que pode vir a reformular nosso diagnóstico da educação brasileira e portanto a base sobre a qual poderemos formular política para o próximo período.



“É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de observar com atenção a vida real, de confrontar a observação com nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossas fantasias. Sonhos, acredite neles.”

Vladimir Lenin

É importante perceber que o movimento de reorganização da classe trabalhadora é um processo em aberto. Concorrem como dificuldades nosso período histórico, legatário da reestruturação produtiva e do neoliberalismo, e também o que representa o próprio PT, como já mencionado. No movimento sindical de esquerda esta fragmentação se expressa na falta de um instrumento que unifique as lutas e no aprofundamento da fragmentação dos setores combativos em diferentes pequenas centrais e iniciativas sindicais existentes. É importante



compreender este processo porque dele faz parte a reorganização do movimento estudantil sobre o qual nos debruçaremos ao longo deste jornal. Mas não só isso! Vale destacar que as políticas educacionais são pensadas de acordo com o movimento da conjuntura e, seguindo a lógica do capital, em que somos formados como “boas mercadorias”, somos formados para sermos vendidos em algum lugar, qual seja, o mercado de trabalho.

Foi isso que norteou o pacote das políticas educacionais do governo: como formar mão-de-obra especializada e barata para o mercado de trabalho. Por isto entender as transformações do mundo do trabalho contribuem para entender qual é o profissional que querem formar e por que nossas universidades tem sofrido não apenas um processo de expansão, mas de reestruturação do seu caráter, com mudança inclusive nos perfis dos cursos já existentes e afetando a criação dos novos.



Neste quadro geral, a política educacional do governo transforma o ensino superior para atender as necessidades do capital e, conseqüentemente, aprofunda a precarização do ensino público, investindo e incentivando o ensino privado, ao mesmo tempo que se “qualifica” o maior número de pessoas possível para o mercado de trabalho. Para se atingir as metas determinadas pelo Plano Nacional de Educação, cria-se o ensino à distância, dissocia-se a licenciatura do bacharelado, financia-se o ingresso ao ensino superior privado através de empréstimos de instituições financeiras (PROUNI e FIES), expandem-se as universidades federais sem se garantir a qualidade da educação (REUNI) e, ainda, a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) abre as portas para a privatização não apenas de hospitais universitários, mas de áreas como Educação, Cultura e afins.

Contra as medidas do governo, o qual só visa a superação da crise em detrimento dos trabalhadores, devemos unificar as lutas! O movimento estudantil deve ser parte da articulação da luta em defesa da educação junto aos técnicos-administrativos e professores e com outros setores, como professores e funcionários da rede básica, movimento secundarista, passe-livre e os demais setores da classe trabalhadora. Devemos romper os muros da universidade e buscar unir as lutas da educação com os demais trabalhadores e a juventude fora da universidade contra os cortes e a retirada de direitos.

Um passo importante nesse sentido foi a convocação aprovada esse ano no Congresso do ANDES à construção do Encontro Nacional da Educação para articular um plano de lutas unificado de todos os movimentos da área da educação. A resposta ao chamado do ANDES veio com a aprovação da construção desse encontro por sindicatos importantes como o SINASEFE (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica), a FASUBRA (Federação Nacional dos Técnicos-Administrativos das IES) e tem continuado com a adesão do sindicato dos profissionais da educação do Rio de Janeiro, entre outros. Tanto a Oposição de Esquerda quanto a ANEL e todo o movimento estudantil devem ser parte ativa desse processo!

Mas entender o cenário político e educacional no Brasil, contextualizando-o ao “desenvolvimento desigual e combinado” dos países no cenário do capitalismo mundial, não pode ser mero exercício de análise abstrata ou individual. Por um lado, é importante retomar que a conjuntura não nos possibilita escolhas: a defesa da reorganização e da unidade dxs que lutam é uma necessidade concreta, e não um desejo principista qualquer. Mais do que isso: o cenário de aprofundamento da exploração e das opressões, com a chegada dos Megaeventos e a instauração de um “estado de exceção” em 2014 no Brasil, com todo o desvio do público para o privado, maior exploração dos trabalhadores, despejos forçados, entre outros, devem nos atentar a um só tempo à necessidade de maior formulação para a luta, responsabilidade com a luta e intervenção na luta!

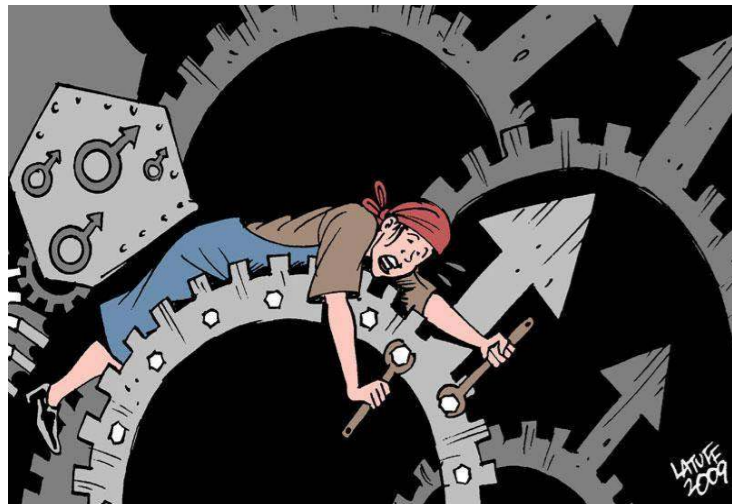
No campo do movimento da educação, elogiamos e desde já convocamos conjuntamente para a construção do Encontro Nacional da Educação, espaço que seguramente contribuirá à formulação e à elaboração de um plano de lutas unificado entre estudantes, trabalhadores e movimentos sociais para somar no enfrentamento dos duros tempos que se aproximam!

VADIAS, BICHAS E SAPAS NÃO SÃO SÓ BRANCAS, RICAS E PATROAS: o combate às opressões é uma luta da classe trabalhadora!

"Aqui nessa tribo
Ninguém quer a sua catequização
Falamos a sua língua
Mas não entendemos o seu sermão
Nós rimos alto, bebemos e falamos palavrão
Mas não sorrimos à toa"

Há uma falsa contradição estampada no ar. O fantasma da pós-modernidade celebratória, da exacerbação de egos, de libertações individuais e apenas ao nível do corpo, contrapõe-se como única solução possível frente à cultura machista, homofóbica e estalinista da esquerda tradicional. **A escolha parece binária: gênero ou classe. Como se fosse possível cindir as pessoas: entre a luta das "mulheres sem classe econômica" e a dos "trabalhadores que são apenas homens, brancos e heterossexuais".**

A dialética da totalidade nunca foi tão atual: se ser mulher é ser explorada e ser negro igualmente, ser mulher e negra ainda mais. Da mesma forma, se ser gay é como estar em um não-lugar da família à escola, ainda mais intensa é a exclusão e violência e a invisibilidade que sofrem mulheres e lésbicas ou travestis e negras, em geral pobres, que misturam numa só vida a falta de direito à saúde, educação, cultura, afetividade, entre outros. As contradições são muitas; **e as respostas especificistas, nesse sentido, são cada vez mais insuficientes.**



O capitalismo não cria, mas se apropria duplamente das opressões. Primeiro, "justificando" nos valores hegemônicos que mulheres, negros e LGBTs recebam salários menores pela mesma profissão, que ocupem os empregos mais precários e com maior índice de assédio moral e sexual, que sejam os primeiros a serem demitidos nas crises e que sejam as maiores vítimas da criminalização e violência por parte do Estado. Ademais, numa segunda apropriação, mais sutil e cruel, inventa-se uma "inclusão" comportada, higienizada, na forma de "cidadania de mercado", com roupas, bares, festas, revistas e todo um conjunto de valores que, para incluir, exigem adaptação a um padrão burguês ou pequeno burguês de vida, disponível para uma minoria. A sensação de "pertencimento" e mesmo de "conforto" escondem o fato de que participar do jogo do mercado e do estado burguês incluiu aceitar suas regras pré-estabelecidas.

O movimento de combate às opressões no Brasil, a partir do ascenso do PT ao governo federal, passa por um período de simultânea cooptação e esmagamento frente as derrotas recentes impostas pela opção do governo na manutenção da sua base parlamentar e eleitoral em detrimento da concretização das demandas do movimento LGBT. Por um lado, grandes setores do movimento – principalmente organizados em ONGs – são financiados pelo governo ou mesmo participam dele diretamente, não conseguindo independência para realizar a crítica à política institucional da "governabilidade" petista. Por outro, embora haja crescente mobilização de rua, de Paradas Gays a Marchas das Vadias, parece inexplicável que suas derrotas no campo dos direitos sejam cada vez maiores, embora uma aproximação maior permita perceber que tanto a estratégia quanto os discursos adotados hegemonicamente nesses espaços reiteram a exacerbação do individualismo, quando não meramente direcionam para uma cidadania via consumo, sem apontar a necessidade de organização coletiva e de ultrapassar o particularismo.

Mesmo em alguns dos setores mais radicalizados desses movimentos, por outro lado, há uma defesa intransigente dos "direitos humanos", sem perceber a origem proprietária-branca-machist-heteronormativa desse discurso, estampando-o como "a máxima bandeira possível" para o momento atual. Perde-se assim a dimensão de que "voz para todos", quando apenas o âmbito da democracia formal burguesa está em discussão, segue sendo apenas "voz para alguns" (os mesmos alguns de sempre). E de que, embora os avanços simbólicos sejam importantes, não reconhecer e denunciar suas limitações é uma postura francamente conservadora e/ou resignada.

Afirmamos com convicção: a opressão nos une, a classe nos divide! A bandeira da emancipação humana nunca será uma luta de "grupos", mas sempre de classes. Não estamos do mesmo lado do movimento feminista e LGBT burguês! Numa sociedade que funciona na base da exploração, ser oprimido sempre significa ou (1) ser oprimido e explorar ou (2) ser oprimido e ser explorado. Não defendemos apenas o fim da opressão, mas também de toda exploração!

É necessário **colocar em processo** a discussão de uma nova política para o combate às opressões! Superar as falsas contradições significa recuperar, a um só tempo, a compreensão da relação entre a totalidade e os debates específicos, por um lado, e a proposição de políticas que busquem inserir esse debate de forma transversal nas nossas análises gerais, bem como interiormente, na organização, para a nossa própria reeducação militante em relação à nossa reprodução da cultura machista, racista e homofóbica.

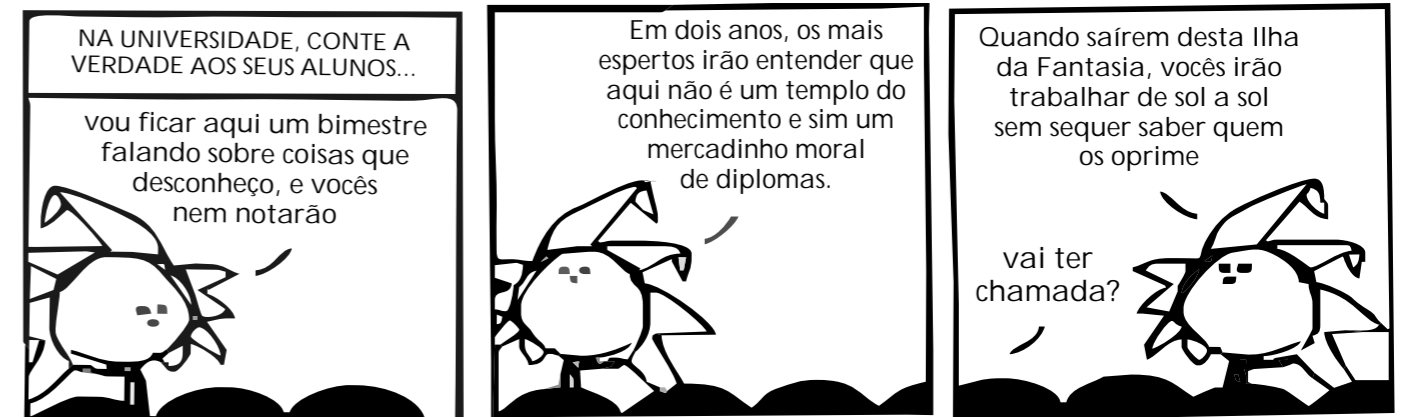
COOPTAÇÃO-SECTARISMO-ISOLAMENTO-BUROCRAATIZAÇÃO: ainda há intenções verdadeiras de "reorganizar" a esquerda do movimento estudantil?

O mais contagiante entusiasmo rapidamente esfria-se ou evapora se não encontra uma clara compreensão das leis do desenvolvimento histórico. Frequentemente, observamos como os jovens entusiasmados, ao dar uma cabeçada na parede convertem-se em sábios oportunistas; como ultraesquerdistas desenganados passam em curto tempo a ser burocratas conservadores, assim como pessoas fora da lei se corrigem e se convertem em excelentes policiais" (Trotsky)

É necessário retomar nossa memória, olhar novamente para quem somos, fazer um balanço sincero do tamanho, dos vícios e das poucas vitórias da esquerda do movimento estudantil nos últimos dez anos. Para onde apontamos? Com quem lutamos? Somos apenas um movimento de reação aos ataques que o governo federal, de Lula a Dilma, tem feito a exploradxs e oprimidxs? Quais nossos potenciais e nossos limites enquanto estudantes em movimento? Quais deles podemos resolver e quais estão pra além da categoria estudantil?

Falar em movimento estudantil é falar em movimento social: as estruturas não são definitivas e os sujeitos não são uniformes. Por mais que os jargões embriaguem a(s) esquerda(s), compreender a atuação de um movimento social organizado – o estudantil – exige que analisemos a realidade para além das concepções das pequenas organizações socialistas e anarquistas reformuladas e "reformulantes" do último período.

Somos frutos do "Fim da História": apáticos, apolíticos, idealistas e conciliatórios com o "possível". Educados por televisores, monitores e alguns professores a perpetuar a lógica individualista, reafirmamos diariamente a lógica neoliberal de exploração e opressão. A dimensão coletiva de nossa existência é deformada desde a tenra infância por uma educação competitiva e meritocrática. Não é à toa, portanto, a reprodução (em larga ou pequena escala), de diversos "valores" em nós introjetados desde cedo. Acrescente-se a isso o caráter policlassista do movimento, de provisoriade em nossas vidas e de profunda fragmentação, senão esfacelamento da militância, tida como uma "etapa", "vivida intensamente", "de ótimas lembranças", e não como um projeto, que recebemos como legado histórico em determinadas condições e entregaremos em outras (melhores ou piores) – e sobre o qual, portanto, temos responsabilidade política.



Nesse cenário não é difícil o surgimento de binarismos, simplificações ou ainda cooptações. **Inegavelmente é oportuno às organizações de movimento estudantil a burocratização, que as levam a reproduzir de variadas formas a autoconstrução desenfreada. Seja para a disputa (com aspas ou não) da UNE, consolidação da ANEL ou isolamento para estudos, observa-se que a atuação da esquerda no movimento, pautada em autoconstrução/autoprocamação, apenas faz aumentar a supostamente combatida fragmentação do movimento. Não faltam chamados à unidade ou justificativas conjunturais para a ausência de diálogo e atuação unitária da esquerda antigovernista e anticapitalista. O que falta é autocrítica, trabalho de base efetivo e a desvinculação do próprio umbigo do discurso de reorganização do movimento estudantil.**

A reorganização do movimento estudantil nos exige novamente formular sobre a relação entre o específico e a totalidade, entre o trabalho de base, local, setorial, com todos os seus potenciais e limites, e a totalidade dialética do sistema capitalista. **Sem atuação em centros acadêmicos, diretórios centrais e executivas, apenas a partir de "UNE ou ANEL", ganham força debates superestruturais, no geral despolitizados, tornados guerras de torcidas, de versões sobre "quem está**